

**Bianca Casemiro da Silva**

**EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: CONTRATURNO E AÇÕES PARA  
JOVENS NAS PERIFERIAS**

CELACC/ECA-USP

2013



**Bianca Casemiro da Silva**

**EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: CONTRATURNO E AÇÕES PARA  
JOVENS NAS PERIFERIAS**

Trabalho de conclusão de curso de pós- graduação  
em Gestão de Projetos Culturais e Organização de  
Eventos, produzido sob a orientação da Professora  
Dra. Cláudia Fazzolari.

CELACC/ECA-USP

2013

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer à minha família, por ter sempre apoiado as minhas escolhas, no decorrer de toda a minha formação.

À professora Dra. Cláudia Fazzolari, por ser um exemplo de comprometimento, além de orientar essa pesquisa, e ter no ato do ensino a generosidade tão defendida por Paulo Freire.

Especialmente, agradeço ao meu namorado Felipe Moretti, pela paciência e carinho fundamentais ao término desse trabalho.

À amiga de profissão e da vida Célia Kumasaka e aos educadores e aprendizes do Projeto Espetáculo das Fábricas de Cultura, por serem a inspiração para essa reflexão crítica.

# EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: CONTRATURNO E AÇÕES PARA JOVENS NAS PERIFERIAS

Bianca Casemiro da Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

A incapacidade da educação formal propiciar uma formação completa aos cidadãos, principalmente no caso de jovens que residem em periferias, faz com que cada vez mais sejam desenvolvidos projetos de educação não formal. O presente artigo pretende realizar uma reflexão crítica sobre os citados modelos de educação, tendo como estudo de caso uma ação específica do Programa Fábricas de Cultura, do Governo do Estado de São Paulo.

**Palavras-chave:** Educação não formal, Jovens, Vulnerabilidade

## ABSTRACT

The inability of traditional forms of education to provide a comprehensive training to citizens, especially in the case of young people who live in the suburbs, brings out new projects of non-formal education. This article aims to achieve a critical reflection on the two mentioned models, and the Culture Factories Program, an initiative of the state government of São Paulo was taking as a specific study case.

**Key words:** non-formal education, young people, vulnerability

## RESUMEN

La incapacidad de las formas tradicionales de la educación para proporcionar una formación integral a los ciudadanos, especialmente en el caso de los jóvenes que viven en los suburbios, lleva a cabo nuevos proyectos de educación no formal. Este artículo tiene como objetivo lograr una reflexión crítica sobre los modelos mencionados, y el Programa de Talleres Cultura, una iniciativa del gobierno del estado de São Paulo estaba tomando como caso de estudio específico.

**Palabras clave:** educación no formal, los jóvenes, la vulnerabilidad

---

<sup>1</sup> Bianca Casemiro da Silva: Graduada em Comunicação Social com habilitação em Rádio e Televisão pelas Faculdades Oswaldo Cruz. Atua como assistente da superintendência de Formação Cultural da Organização Social Catavento. Orientadora: Professora Cláudia Fazzolari.

## SUMÁRIO

Introdução.....	5
1. Educação formal e não formal: turno e contraturno.....	6
2. Fábricas de Cultura - Projeto Espetáculo Sapopemba.....	8
3. Sapopemba: Projeto Espetáculo, contraturno e vulnerabilidade social.....	11
4. A saga de Curió, de Recife à Sapopemba.....	13
5. Considerações finais: periferia e contraturno.....	15
Referências Bibliográficas e Webgrafia.....	18

## INTRODUÇÃO

A educação brasileira, em seu modelo formal, vem sendo criticada por diversos pensadores na cena contemporânea (Paulo Freire, Moacir Gadotti e Mario Sergio Cortella). A necessidade de confrontar as inúmeras dificuldades da educação e suas peculiaridades abriu campo para a construção de novos modelos educacionais, como a educação informal e a não formal por meio de ações educativas extracurriculares conhecidas como “contraturno”.

Com o objetivo da ampliação do repertório cultural de crianças e jovens e da elaboração de um alargado espaço de estruturação da cidadania por meio de engajamento social ativo, surgiram projetos que incentivavam experimentações e práticas artísticas, atuando fora do ambiente formal de educação escolar. A relevância dessas ações tornou-se ainda maior ao tratar a vida de jovens que residem em regiões periféricas, com difícil acesso a equipamentos culturais.

Nesse contexto foram desenvolvidos os programas e projetos no Estado de São Paulo, como as Oficinas Culturais (1986), o Projeto Guri (1995), as Fábricas de Cultura (2005), entre outros trabalhos estruturados, geralmente, por parcerias público-privadas.

Frente a essa realidade, o objeto de estudo deste artigo científico propõe um breve panorama comparativo entre a educação formal e a não formal, tendo como base essencial a reflexão crítica sobre a experiência de produção sociocultural desenvolvida pelo Programa Fábricas de Cultura.

Desta forma, serão analisadas as conjunturas do modelo de atuação das Fábricas de Cultura, inspirando-se principalmente em referencial teórico sobre educação formal e não formal conforme a linha de pensamento do educador Paulo Freire.

Estudos comparativos podem ser importantes para avaliar a eficiência de cada modelo; e esse trabalho apresentará uma análise circunstancial dessas distintas realidades.

A partir de análises sistematizadas, espera-se obter um estudo teórico capaz de delimitar as lacunas do programa, como também, explicitar os canais de contribuição do citado modelo de educação não formal, especialmente ao tratar a realidade específica que é o atendimento aos jovens em situação de vulnerabilidade social.

## 1. Educação Formal e Não Formal: Turno e Contraturno

A educação formal está diretamente relacionada ao espaço de ensino estruturado pelas escolas e pelas universidades e, sendo responsável pela alfabetização, possui papel elementar na formação humana.

O tema da educação não formal passou a ser abordado com maior frequência, por educadores e estudiosos, apenas no final do século XX. A partir de então se tornou mais presente um discurso sobre outras formas de educação, que podem acontecer em locais e formatos alternativos.

Os dois modelos de educação supracitados têm em comum o fato de se darem de forma intencional, por isso, se diferenciam de uma terceira categoria chamada de educação informal. Nesse caso, os aprendizados ocorrem de forma mais livre, espontânea e sem vínculos organizacionais.

A socióloga e pesquisadora Maria da Glória Gohn (GOHN, 2006), em seu artigo *Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*, apresenta alguns aspectos da educação formal, não formal e informal da seguinte maneira:

[...] a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização — na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados, e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas (disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ensaio/v14n50/30405.pdf>, acessado em 05/04/2013).

Porém, cumpre destacar que os conceitos de educação são muito mais amplos do que simples descrições estruturais de espaço e tempo de cada um desses modelos.

No caso da educação formal, um dos problemas levantados, que perpassa essa questão, está associado ao fato de que muitas vezes este formato se amalgama na organização linear de mercado, deixando de ser um espaço voltado à formação humana para tornar-se um meio de preparação da aquisição de bens de consumo, lógica que remete a educação ao domínio da mercadoria.

Quando são priorizados os elementos marcantes da competitividade e o olhar educacional está voltado para a inserção no universo do trabalho, a educação, que poderia ser



uma base importante para que as mudanças sociais sejam possíveis, torna-se um instrumento de apoio à estrutura da sociedade capitalista.

Como exemplo dessa distorção de propósitos educacionais, está a ação de muitas instituições escolares, que na busca por um número cada vez maior de alunos, preocupam-se, acima de tudo, com a ampliação da lucratividade, evidenciando descompromisso com a formação cidadã. A esse fato se atribui a expressão “mercantilização da educação”.

O pesquisador e doutor em ciências da educação Moacir Gadotti (2005), em *A questão da educação formal/ não formal*, traz alguns apontamentos fundamentais sobre essa problemática:

Diante da crescente mercantilização da educação os Estados estão deixando cada vez mais de assumir o seu dever de garantir esse direito, transformando o direito à educação em serviço prestado tanto pelo Estado quanto pelo Mercado. Como serviço, a ele só podem ter acesso aqueles e aquelas que podem pagá-lo. Surgem então muitas “indústrias do conhecimento” que oferecem os mais variados pacotes educacionais para todos os gostos em acirradas disputas mercantis movidas pelo “marketing educacional”.  
(disponível em:  
<[http://www.paulofreire.org/Moacir\\_Gadotti/Artigos/Portugues/Educao\\_Popular\\_e\\_EJA/Educacao\\_formal\\_nao\\_formal\\_2005.pdf](http://www.paulofreire.org/Moacir_Gadotti/Artigos/Portugues/Educao_Popular_e_EJA/Educacao_formal_nao_formal_2005.pdf)>, acessado em 03/04/2013).

A consequência do fato supracitado parece ser a fragilidade em que se insere o espaço de formação do jovem de baixa renda que sofre as consequências de uma sociedade desigual, por não ter garantidos seus direitos pelo Estado e não ter acesso ao contexto de uma vida escolar melhor estruturada.

Os formatos engessados dos métodos de ensino, utilizados tanto pela educação pública quanto pela educação privada, direcionados aos treinos para vestibulares, pouco contribuem para o desenvolvimento e formação completa desses indivíduos.

O educador Paulo Freire, em seu livro *Professora sim, tia não: cartas a quem ouse ensinar*, já abordava a coragem que devem ter os educadores para fugir dos sistemas “pacoteiros”, entendidos pelo autor como:

pacotes que sabichões e sabichonas produzem em seus gabinetes numa demonstração inequívoca, primeiro de seu autoritarismo; segundo, com o alongamento do autoritarismo, de sua absoluta descrença na possibilidade que tem as professoras de saber e criar (FREIRE, 1997, p 12).

Parece ser uma derivação da ideia anteriormente exposta, o argumento de que a escola precisa respeitar o saber dos educadores e cabe a eles a avaliação das práticas educativas de ontem, para que as de amanhã sejam lapidadas. Na publicação *Pedagogia da autonomia*,

Freire (1996) explicita a necessidade fundamental da proposição da reflexão crítica em relação à prática:

O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, “desarmada”, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigurosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. Este não é o saber que a rigurosidade do pensar certo procura. Por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. (FREIRE, 1996, p 38 e 39)

A expressão “pensar certo” citada por Freire está diretamente relacionada à capacidade crítica e a utilização da consciência no ato de pensar e não ao entendimento de que algo é certo ou errado por natureza.

## **2. Fábricas de Cultura – Projeto Espetáculo Sapopemba**

Para o estudo em questão, situamos o presente debate sobre uma prática de educação não formal integrada ao quadro de um projeto de ações da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo: as Fábricas de Cultura.

As Fábricas de Cultura (Programa Cultura e Cidadania para a inclusão social — PCCIS) foram implantadas por intermédio de um contrato de empréstimo firmado entre o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Governo do Estado de São Paulo.

O início do Programa Fábricas de Cultura foi resultado dos estudos da Fundação Sistema Nacional de Análise de Dados (Seade), órgão da Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional, acerca do Índice de Vulnerabilidade Juvenil (IVJ), tendo por objetivo determinar quais áreas na cidade de São Paulo mais necessitavam de intervenção do poder público.

O IVJ dos distritos de São Paulo foi definido a partir de uma pesquisa chamada “IVJ 2000”. Abaixo seguem elementos dessa avaliação, retirados do site da Fundação Seade:

O embasamento dessa análise se deu a partir das seguintes fontes de dados: Censos Demográficos de 1991 e 2000 da Fundação IBGE; Secretaria das Administrações Regionais, da Prefeitura de São Paulo; Sistema de Estatísticas Vitais, da Fundação Seade e Contagem da População 1996, Fundação IBGE.

As variáveis escolhidas para compor o índice são: taxa anual de crescimento populacional entre 1991 e 2000; percentual de jovens, de 15 a 19 anos, no total da população dos distritos; taxa de mortalidade por homicídio da população masculina de 15 a 19 anos; percentual de mães adolescentes, de 14 a 17 anos, no total de nascidos vivos; valor do rendimento nominal médio mensal, das pessoas com rendimento, responsáveis pelos domicílios particulares permanentes e percentual de jovens de 15 a 17 anos que não freqüentam a escola.

O parâmetro do IVJ varia de 0 a 100 pontos, onde 0 representa o distrito com menor vulnerabilidade e 100 o com maior . A partir dessa escala foram divididos cinco grupos de vulnerabilidade juvenil (os distritos com maior ou menor vulnerabilidade poderão ser localizados na Figura 1):

- 1) Grupo 1: até 21 pontos - engloba os nove distritos menos vulneráveis do município de São Paulo: Jardim Paulista, Moema, Alto de Pinheiros, Itaim Bibi, Pinheiros, Consolação, Vila Mariana, Perdizes e Santo Amaro.
- 2) Grupo 2: de 22 a 38 pontos - engloba os 21 distritos que se classificam em segundo lugar entre os menos vulneráveis: Lapa, Campo Belo, Mooca, Tatuapé, Saúde, Santa Cecília, Santana, Butantã, Morumbi, Liberdade, Bela Vista, Cambuci, Belém, Água Rasa, Vila Leopoldina, Tucuruvi, Vila Guilherme, Campo Grande, Pari, Carrão e Barra Funda.
- 3) Grupo 3: de 39 a 52 pontos - engloba os 25 distritos que se posicionam em uma escala intermediária de vulnerabilidade: República, Penha, Mandaqui, Cursino, Socorro, Ipiranga, Casa Verde, Vila Matilde, Vila Formosa, Jaguará, Brás, Vila Prudente, Vila Sônia, Freguesia do Ó, Bom Retiro, São Lucas, Limão, São Domingos, Jaguaré, Rio Pequeno, Pirituba, Aricanduva, Sé, Artur Alvim e Ponte Rasa.
- 4) Grupo 4: de 53 a 65 pontos - engloba os 22 distritos que se classificam em segundo lugar entre os mais vulneráveis: Sacomã, Jabaquara, Vila Medeiros, Cangaíba, Cidade Líder, Vila Andrade, Vila Maria, Tremembé, Ermelino Matarazzo, São Miguel Paulista, José Bonifácio, Jaçanã, Itaquera, Raposo Tavares, Campo Limpo, São Mateus, Parque do Carmo, Vila Jacuí, Perus, Cidade Dutra, Jardim São Luís e Jaraguá;

5) Grupo 5: mais de 65 pontos - engloba os 19 distritos com maior vulnerabilidade juvenil do município de São Paulo: Cachoeirinha, Vila Curuçá, Guaianases, Sapopemba, Capão Redondo, Lajeado, Anhangüera, São Rafael, Jardim Helena, Cidade Ademar, Brasilândia, Itaim Paulista, Pedreira, Parelheiros, Jardim Ângela, Grajaú, Cidade Tiradentes, Iguatemi e Marsilac.

**Figura 1.** Mapa da distribuição espacial dos grupos de vulnerabilidade no município de São Paulo (fonte: Fundação Seade).

Figura enviada separadamente como documento suplementar.

Conforme é possível observar no mapa, os locais com maior IVJ estão localizados nas regiões periféricas da cidade. A partir dessa delimitação de espaços, as Fábricas de Cultura foram projetadas para nove distritos com alto IVJ, sendo eles: Vila Curuçá, Sapopemba, Itaim Paulista, Cidade Tiradentes, Vila Nova Cachoeirinha, Capão Redondo, Jardim São Luís, Brasilândia e Jaçanã.

As primeiras ações das Fábricas nos distritos foram instituídas entre os anos de 2005 e 2009, por meio de oficinas culturais nas ONGs que atendiam os critérios apresentados no edital da Secretaria de Estado da Cultura. A proposição desse Programa é a oferta de atividades artísticas para jovens entre 08 e 19 anos.

Inicialmente, a proposta pedagógica do Programa firmou-se sobre uma ação específica, chamada “Projeto Espetáculo”. A referida iniciativa consistia na montagem de uma peça teatral por distrito, por meio de uma programação para cerca de 100 jovens, tendo entre 14 e 19 anos.

A apresentação final era o resultado de um processo de criação coletiva, cuja estruturação do trabalho durava, aproximadamente, doze meses. Entre os anos de 2007 e 2009 aconteceram duas temporadas de apresentações, com temas comuns aos nove distritos envolvidos.

A primeira temporada abordou a obra *Petruska*, do compositor e maestro russo Ígor Stravinski. Quando trazida aos moldes brasileiros, a adaptação da obra transformou-se em *Pedrinho*, a qual desenvolvia uma proposta de pertencimento e valorização local. A segunda temporada foi acerca da biografia do maestro e compositor brasileiro Heitor Villa-Lobos.

A partir de 2011, com o início das inaugurações das sedes próprias das Fábricas de Cultura, a gestão do programa foi dividida entre duas Organizações Sociais: Catavento Cultural e Educacional, responsável pelas Fábricas da zona leste, e Poiesis, responsável pelas Fábricas das zonas norte e sul.

Com a finalização e entrega desses edifícios, o projeto pedagógico pôde ser ampliado nas comunidades e esses equipamentos passaram a funcionar como centros culturais que proporcionavam aulas das diversas vertentes artísticas: circo, teatro, dança música, artes visuais, multimeios e literatura, em cursos estruturados semestralmente, contendo uma carga horária semanal de seis horas.

No início do Programa, quando ele era realizado em parceria com as ONGs, eram atendidos em média 100 jovens por distrito. A partir da inauguração das sedes próprias, esse número aumentou significativamente, em alguns casos, ultrapassando 1000 jovens.

Nas Fábricas os professores são chamados de “educadores”, os jovens participantes de “aprendizes” e as aulas de “ateliês”. Há ainda projetos específicos focados no aprofundamento dos estudos em determinada linguagem, entre eles está o *Musicando*, cuja finalidade é a formação de orquestras e na mesma perspectiva mantém-se o *Projeto Espetáculo*, contemplando uma peça teatral para cada equipamento.

Objetivando a realização de uma abordagem crítica do modelo de educação não formal aplicado para formação de jovens em situação de vulnerabilidade, o eixo da discussão desse estudo será o *Projeto Espetáculo* desenvolvido pela Fábrica de Cultura da Unidade Sapopemba.

### **3. Sapopemba: Projeto Espetáculo, contraturno e vulnerabilidade social**

Contextualizando a situação do território onde vivem os jovens participantes do *Projeto Espetáculo* de Sapopemba, de acordo com a pesquisa da Fundação Seade “IVJ 2000”, entre os 96 distritos avaliados, Sapopemba possui o 17º maior IVJ, com 67 pontos em uma escala crescente que vai de 0 a 100 pontos.

O bairro de Sapopemba está localizado em uma região bastante afastada do centro da cidade e seus moradores convivem com problemas de violência e restrições do acesso à educação e lazer, decorrentes da exclusão econômica consolidada no quadro das periferias dos grandes centros urbanos.

Os resultados da pesquisa da Fundação Seade, mencionada acima, apresentam os seguintes dados para Sapopemba:

- População total: 282.239;
- Participação da população total de jovens 15 a 19 anos no total de jovens do município: 2,94;
- População de jovens de 15 a 19 anos: 29.212;
- Taxa anual de crescimento populacional: 1,05;
- Taxa anual de crescimento populacional (Escala 0 a 100): 30;
- Participação dos Jovens de 15 a 19 Anos no Total da População dos Distritos (%):10,35;
- Participação dos Jovens de 15 a 19 Anos no Total da População dos Distritos (Escala de 0 a 100): 88;
- Taxa de Mortalidade por Homicídio da População Masculina de 15 a 19 Anos (por 100.000 Hab.): 326,40;
- Taxa de Mortalidade por Homicídio da População Masculina de 15 a 19 Anos (Escala de 0 a 100): 61;
- Proporção de Mães Adolescentes de 14 a 17 Anos, no Total de Nascidos Vivos (%): 8,47;
- Proporção de Mães Adolescentes de 14 a 17 Anos, no Total de Nascidos Vivos (Escala de 0 a 100): 65;
- Rendimento Nominal Médio Mensal das Pessoas Responsáveis pelos Domicílios Particulares Permanentes (R\$) 724,70;
- Proporção de Jovens de 15 a 17 anos que não Frequentam à Escola %: 26,38;
- Densidade Demográfica (Hab./Km<sup>2</sup>): 20.907;
- Taxa de Fecundidade das Adolescentes de 14 a 17 Anos (por 1.000 mulheres): 38,98;
- Proporção de Jovens, de 18 a 19 Anos, que não Concluíram o Ensino Fundamental (%): 40,71.

A falta de acesso a equipamentos culturais contribuiu para que o *Projeto Espetáculo* desse bairro tenha se configurado como um espaço de atuação muito importante e com envolvimento direto dos jovens no processo de criação, ampliando a participação deles como um coletivo organizado além do ambiente da Fábrica de Cultura.

Na proposta do Projeto Espetáculo estava prevista a interação entre aprendizes de diferentes ateliês, desta forma, no caminho percorrido até a estruturação da peça teatral, havia

a possibilidade de troca de experiências e aprendizados de diversas vertentes artísticas. No caso da unidade Sapopemba, a constituição do Espetáculo deu-se, prioritariamente, por meio da interação entre os ateliês de teatro e música.

Durante todo o processo de criação, os aprendizes de teatro realizaram exercícios de improvisação, preparação vocal, postura, expressão corporal, dança e interpretação, com a finalidade de adquirirem a segurança e o conhecimento necessários para a condução do enredo da peça.

A população da região de Sapopemba possui grande interesse pelo aprendizado de música, sendo que esse fato foi demonstrado na participação dos aprendizes dessa linguagem no espetáculo. Foram eles os responsáveis pelos efeitos e trilhas sonoras, capazes de enfatizar, climatizar e até mesmo contar histórias na peça através dos sons.

O tema abordado pelo projeto partiu da instituição gestora das Fábricas de Cultura, nesse caso, a Organização Social Catavento Cultural e Educacional, e posteriormente foi desdobrado pelos participantes, em conformidade com as peculiaridades de cada Fábrica.

A temporada 2012 do projeto teve como tema de estudos proposto a deusa *Íris*. Segundo a mitologia grega, *Íris* é a mensageira dos deuses, levando recados do Olimpo ao Reino dos Mortos. Tendo em vista a ligação simbólica entre a terra e o céu, essa deusa é considerada a personificação do arco-íris.

Se para a mitologia grega *Íris* representa o arco colorido do céu, para a anatomia ela designa a parte mais visível e colorida do olho. Partindo dessas concepções, os aprendizes de Sapopemba, junto aos educadores, direcionaram seus olhares para o lugar onde os jovens moravam e onde estava inserida a Fábrica de Cultura.

Indagou-se sobre a origem de cada um dos participantes do projeto e, a partir das respostas, foram criados os eixos de discussão que resultaram em um roteiro contendo a história do menino chamado “Curió” e sua trajetória de migração até chegar à cidade de São Paulo e ao bairro de Sapopemba.

#### **4. A saga de Curió, de Recife à Sapopemba**

A peça “*A saga de Curió, de Recife à Sapopemba*” foi estruturada após a realização de uma pesquisa feita pelos aprendizes com os seus pais. O questionário continha perguntas referentes ao lugar de onde eles partiram, ao caminho percorrido pelas famílias e a razão de terem escolhido São Paulo, especificamente, o bairro de Sapopemba.

Após a compilação dos resultados da atividade, foram registradas as cidades mais citadas pelos pais até chegarem à São Paulo e essas foram escolhidas para comporem a trajetória de Curió. Segundo relato de um dos educadores responsáveis pelo espetáculo, o personagem principal possui esse nome em alusão a um pássaro com característica de migração.

O enredo da peça começa com o nascimento do personagem em Recife, seguido do abandono pela mãe. Após o parto, a jovem alega não ter condições de criar o filho e por consequência disso, Curió cresce em um reformatório.

Por viver durante a sua formação em um local onde a gestão era bastante rígida e disciplinadora, no fim da adolescência o personagem decidiu partir e, sem abrigo em Recife, viajou para Salvador buscando construir uma nova vida. Para esse momento do espetáculo foi criada, coletivamente, uma música, cuja transcrição parcial da letra é expressa a seguir:

Aqui nessa escola ele não teve educação  
 Não aprendeu nada, só ouviu sermão  
 Curió é um menino bom, mas é preciso lutar  
 Na vida vai ter que se acertar  
 Em Salvador vai encontrar um lar, vai encontrar um lar.

O menino já transformado em homem passou por Salvador, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Nessas cidades buscou moradia e trabalho, iniciou e encerrou relacionamentos amorosos. O término de sua migração deu-se com a chegada e fixação em São Paulo, no bairro de Sapopemba.

Assim como a deusa Íris, capaz de ligar o céu e a terra deixando um rastro colorido de luz, Curió partiu de um lugar distante e percorreu um longo caminho até conseguir se instalar em um novo território. Pelos lugares por onde passou também deixou marcas, evidenciando sua aproximação com o tema proposto pelo projeto (ver fotos no Anexo).

No final do espetáculo, todo o elenco posicionou-se no centro do palco e uma das aprendizes apresentou a frase: “Todas as vezes que Curió chorou me doeu no peito, mas é de força que esse lugar é feito”, aludindo o contexto da vida no bairro. Aos poucos, alguns dos integrantes do elenco disseram em voz alta seus nomes, os nomes de seus pais e afirmavam serem de Sapopemba.

O envolvimento dos jovens com esse espetáculo foi significativo a ponto de outros aprendizes da Fábrica, participantes do ateliê de multimeios, interessarem-se pelo registro desse processo criativo. O vídeo resultante deste trabalho, o documentário *Voa Curió*, foi



composto pelas cenas dos ensaios e depoimentos dos aprendizes, educadores e também da mãe de uma das participantes.

O Projeto Espetáculo da Fábrica de Cultura de Sapopemba foi iniciado em 2011 e apresentado no final de 2012, na própria Fábrica de origem, e também em outras duas unidades que integram o Programa: Vila Curuçá e Itaim Paulista.

## **5. Considerações finais: periferia e contraturno**

Analisando a prática de educação não formal desenvolvida pelo Projeto Espetáculo da Fábrica de Cultura de Sapopemba, é possível constatar a necessidade de um estudo estruturado que coloque em perspectiva a relação dos jovens com o local onde vivem, a partir de noções de pertencimento, compreendidas como desejo de valorização de um espaço marcado pelo descaso, abandono e falta de recursos.

Diferentemente do que acontece na educação formal, onde normalmente está imposta uma forma fixa e determinada de aplicação de conteúdos, nesse projeto os educadores possuem uma diretriz geral do Programa, mas contam com a liberdade de definirem a forma e o itinerário para desenvolverem as práticas com os aprendizes.

O espetáculo apresentado pelo grupo deve partir de uma construção coletiva, o que é muito positivo para que os participantes exercitem o conceito de construção compartilhada. Qualquer problema que aconteça em cena deve ser resolvido em grupo, funcionando como um incentivo à prática solidária.

Para a definição dos caminhos a serem trilhados no projeto, os aprendizes realizaram pesquisas, juntamente aos educadores, tendo como fio condutor a reflexão crítica sobre questões presentes no cotidiano dos jovens, com o objetivo de ressignificar o aprendizado, aproximando-o da realidade e estabelecendo relações entre os conceitos e as experiências.

É importante destacar a dimensão atingida pelo projeto no âmbito familiar e comunitário. De acordo com relatos da equipe administrativa, as reuniões de pais alcançam uma média de 80% de presença. O fato desses encontros acontecerem como marcos de inclusão da comunidade e não como atividades obrigatórias, potencializa a dimensão participativa dos grupos envolvidos no projeto.

A dinâmica dessas reuniões se diferencia por não se tratar apenas de um encontro formal entre educadores e pais, onde são abordados assuntos como notas e comportamento,

nesse espaço há também a participação dos filhos, que convidam os pais para vivenciarem um dia de ateliê e os ensinam um pouco do que aprenderam.

A partir de relatos dos pais, nas citadas reuniões, são constatadas mudanças no comportamento dos filhos. Demonstrações de responsabilidade, desinibição, organização e maior capacidade de socialização foram frequentes nos depoimentos e o interesse em contribuir com os aprendizados dos filhos também se fez muito presente. As práticas significativas transformaram gradativamente os aprendizes, promovendo mudanças inclusive na comunidade onde vivem.

Contudo, não obstante a sua relevância no âmbito social e cultural, esse Programa encontra alguns entraves advindos da proposta institucional de sua criação. Por ter sido criado com a finalidade de amenizar questões adversas nas comunidades, o Programa pode ser visto com um caráter de remediação de problemas de forma paliativa, tendo a cultura como instrumento e não pelo seu valor de formação completa de um ser humano.

Essa observação se reforça com o fato de o Programa ter sido constituído com base em uma pesquisa cujas variáveis envolvem índices como taxa de mortalidade por homicídio, percentual de mães adolescentes, percentual de jovens que não frequentam a escola e não fatores como, por exemplo, a distribuição espacial de equipamentos culturais na cidade de São Paulo.

Da perspectiva do processo de aprendizado, quando abordada a formação cultural de jovens, é fundamental o compromisso com a continuidade do trabalho desenvolvido, porém, nesse caso, trata-se de uma ação pontual diretamente ligada a um projeto político.

Deve-se destacar a cobrança de metas, uma exigência do projeto sobre as atividades desenvolvidas, que está fortemente relacionada ao tempo de execução e número de participantes. Esta exigência é um elemento complicador para os educadores, uma vez que obriga a adaptação dos recursos e resultados finais aos modelos estatísticos.

Da perspectiva da atuação dos educadores, cabe ressaltar a necessidade de uma formação específica para o desenvolvimento de ações em educação não formal, pois muitos, devido ao hábito de lidarem com relações pedagógicas consolidadas, nas quais os professores determinam o andamento das aulas, pouco incentivam a tomada de decisão pelos próprios aprendizes.

Os projetos de educação não formal na atualidade parecem estar em fase de estruturação e consolidação e notou-se que algumas práticas da educação formal ainda são reproduzidas nas ações de educação não formal, especialmente no que diz respeito à cobrança de extrema disciplina e comportamento.

Outro fator que também remete às práticas da educação formal é o fato dos critérios de avaliação serem constituídos, principalmente, por indicadores quantitativos de matrículas e evasão, quando nem sempre o fato do jovem se desvincular das atividades do equipamento é algo negativo, podendo inclusive significar maior autonomia em suas ações.

Pesquisas são de grande importância para o aprimoramento de propostas desenvolvidas nas Fábricas de Cultura, porém, é essencial a constituição de indicadores qualitativos capazes de avaliar o real impacto na vida dos jovens moradores dos referidos distritos da cidade de São Paulo.

É fundamental que ações culturais, como o programa Fábricas de Cultura, tenham como premissa o diálogo com as próprias comunidades onde estão inseridas suas atividades. Fóruns e conselhos comunitários podem ser envolvidos como elos eficazes na aproximação entre os trabalhos realizados e os anseios da população local.

Mais que possibilitarem formação cultural e suporte para apresentações de grupos locais em suas dependências, esses equipamentos podem proporcionar orientação e apoio para que grupos e coletivos culturais da região não apenas apropriem-se do espaço, mas recebam incentivo para não dependerem exclusivamente de atos institucionalizados, favorecendo a autoprodução das ações.

Efetivamente, em um cenário de fragilidade da educação formal e falta de acesso aos equipamentos culturais na periferia dos centros urbanos, ações como essas podem ter vital importância para a valorização da cultura local e para o fortalecimento do repertório cultural dos jovens.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. “Professora sim, tia não: cartaz a quem ouse ensinar”. In *Saberes necessários à prática educativa*. 9º ed. São Paulo: Olho d’água, 1997.

LARANJEIRA, Denise Helena P.; TEIXEIRA, Ana Maria Freitas. *Vida de jovens: educação não-formal e inserção sócio profissional no subúrbio*. Revista Brasileira de Educação. v. 13, n. 37, jan/abr. 2008. Campinas. Autores Associados/ ANPED. p.22-34.

SARAIVA, Karina Siciliano Oliva. *Saberes e práticas na educação não formal: os saberes mobilizados pelos mediadores do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho*. 2012. 156f. Tese. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

## WEBGRAFIA

GADOTTI, Moacir. “A Questão da educação Formal / Não Formal”. Texto apresentado ao Institut International Des Droits De L’enfant (IDE). *Droit à l’éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution?* Sion (Suisse), 18 a 22 outubro de 2005. Disponível em:

<[http://www.paulofreire.org/Moacir\\_Gadotti/Artigos/Portugues/Educacao\\_Popular\\_e\\_EJA/Educacao\\_formal\\_ao\\_formal\\_2005.pdf](http://www.paulofreire.org/Moacir_Gadotti/Artigos/Portugues/Educacao_Popular_e_EJA/Educacao_formal_ao_formal_2005.pdf)>, acessado em 03/04/2013.

GOHN, Maria da Glória. “Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas”. *Ensaio: avaliação das políticas públicas Educacionais*. 14(50)27-38. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ensaio/v14n50/30405.pdf>, acessado em 05/04/2013.

MOURA, Aline de Carvalho. *A educação e o alienado consenso à ordem do capital*. Disponível em: <http://www.uff.br/iacr/ArtigosPDF/83T.pdf>, acessado em 02/05/2013.

SEADE. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/ivj/>>, acessado em 02/03/2013.

SECRETARIA DA CULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.77e50ae1b029060df6378d27ca60c1a0/?vgnnextoid=10ecb23eb2a6b110VgnVCM100000ac061c0aRCRD&idEquipamento=3b7abf584b3f7210VgnVCM2000004d03c80a>, acessado em 08/03/2013.